

AMIANO MARCELINO E A REPRESENTAÇÃO DA BARBÁRIE

José Maria Gomes de Souza Neto¹

Resumo

Este artigo se destina a apresentar o historiador romano Amiano Marcelino, último grande representante da linhagem historiográfica latina. Ao mesmo tempo, propomo-nos a discutir como o escritor representou os bárbaros, em especial os hunos, de sua época.

Palavras-chave: Amiano Marcelino, hunos, bárbaros, historiografia romana.

Abstract

This article presents the roman historian Ammianus Marcellinus, the last great figure of latin History writers lineage. Also poses a discussion on how Marcellinus depicted the barbarians of his time, particularly the Huns.

Keywords: Ammianus Marcellinus, hunns, barbarians, roman historiography.

Os romanos foram argutos historiógrafos. Em muitos momentos, parte importante da formação de um grande político latino constituía, exatamente, na descrição dos fatos por ele vivenciados e testemunhados. Quanto maior a narrativa, maior o político – ou vice-versa. Paradigma maior deste tipo de produção foi a obra de Júlio César, especialmente suas Guerras Gálicas, cujas primeiras palavras, “*Gallia est divisa in partes tres*”, a Gália divide-se em três partes, ainda ecoam elegantes. Um brilhante escritor e filósofo contemporâneo de César, Marco Túlio Cícero, cinzelou uma definição de História das mais perenes “*Historia est testis temporum, lux veritatis, magistra vitae, vita memória et nuntia vetustatis*”: a História é o teste do tempo, luz da verdade, mestra da vida, vida da memória e mensageira da Antiguidade”.

Os primeiros esboços historiográficos, “*de autoria desconhecida, escritos provavelmente entre os séculos IV e III a.C.*”²; a partir da segunda metade do século III a.C. surgem os primeiros autores conhecidos, destacando-se a poesia épica, a qual “*se utiliza da história como tema literário*”.³ Os dois séculos antes e depois de Nossa Era formaram o grande momento da narrativa histórica romana, dos já mencionados César e Cícero, passando por Tito Lívio chegando até Tácito, destaques de um período rico em escritores.

De Tito Lívio, historiógrafo que viveu durante o Principado de Augusto se dizia, já na Antiguidade, que sua obra ocuparia uma biblioteca inteira. De

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor adjunto do Curso de História da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata (FFPNM) – Universidade de Pernambuco (UPE). zemariat@uol.com.br

² NOVAK, Maria da Glória et alii (org.). *Historiadores latinos: antologia bilingüe*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. XVII.

³ Ibidem.

fato, “*Ab Urbe Condita*” (“Desde a Fundação da Cidade”, o título original) era uma coleção de nada menos que 142 livros, cobrindo todo vasto espectro da História Romana, desde sua origem, como estabelece o próprio título, até acontecimentos ao final do reinado do primeiro imperador romano, no início do primeiro século d.C., quando o prolífico autor faleceu. Um texto robusto, influenciado pelo grego Políbio, o qual escrevera sua própria história um século antes de Lívio e mantinha vivo o espírito das primeiras composições historiográficas, como os anais.⁴

Tácito produziu seus escritos entre finais do primeiro século e inícios do segundo. É uma obra diversificada, já que o autor, ensina Arnaldo Momigliano, “*é um dos historiadores da Antigüidade mais experimentais (...) cada grande experimento inclui outros experimentos. A obra Agrícola é uma biografia com um fundo etnográfico-histórico (...) Germania é etnografia acompanhada de uma mensagem política*”.⁵

Esta última obra citada, *Germania*, é fundamental para a compreensão das invasões bárbaras, séculos depois. Seu texto é o mais antigo conhecido que descreve, acuradamente, as tribos germânicas situadas junto ao *Limes* (a fronteira) romano, e nos permite vislumbrar como os latinos enxergavam os povos do *Barbaricum*.

Depois desse grande momento, sucederam-se outros historiógrafos; no conjunto, porém, este gênero literário sofreu um claro declínio. Surgiu, ainda, uma figura como Suetônio, biógrafo talentoso, mas ao longo do segundo e terceiro séculos, obras de largo espectro, na tradição liviana e taciteana, rarearam. Em seu lugar, floresceram os breviários: livros pequenos, redigidos por escritores mais limitados que buscavam, em poucas linhas, descrever toda a história romana. Apenas no século IV apareceu um historiógrafo que buscava equiparar-se aos seus precedentes: Amiano Marcelino.

“*Um historiador de fôlego, disposto a continuar a obra de Tácito*”⁶, Amiano Marcelino retomou uma tradição dos historiógrafos latinos, qual fosse escrever sua narrativa como continuidade de uma obra que o precedera. Dispunha-se a prosseguir a obra de Tácito, dando seqüência do ponto onde ele havia parado e buscando ombrear-se a ele. Ainda assim, conquanto retomasse “*um pouco da vastidão, da nobreza e da amargura das Historiae*, já não

⁴ “Os anais da sobre as origens de Roma foram seu produto mais característico de sua historiografia. Lívio foi o maior representante deste gênero (...) a forma natural de escrever a história. Nestes anais, algo sobreviveu do espírito dos velhos registros pontificiais, os Anais dos Pontífices”. MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004, p. 154.

⁵ Idem, p. 163.

⁶ NOVAK, Maria da Glória et alli (org.). *Historiadores latinos*. Op. cit., p. XIX.

questionava a natureza humana da forma angustiante que caracterizava Tácito".⁷

Sabemos muito pouco sobre Amiano Marcelino e quase tudo a partir das referências contidas em sua própria obra. Nasceu na década de 330, de família grega, na cidade de Antioquia. Alguma informação deriva “*de uma carta escrita por Libânio para um amigo antioqueno em Roma, chamado Marcelino*”.⁸ Documento controverso, alvo de debates entre historiadores, não se sabe, ao certo, se era de fato endereçada ao historiógrafo, embora o remetente parabenizasse seu destinatário pelo seu sucesso literário na capital.

Por volta de 353, ingressou no exército, no destacamento de *protectores domestici*, “*corpo selecto del ejército*”⁹ reservado, geralmente, para os filhos dos oficiais – tal fato nos indica que sua família deveria ser de origem nobre. Serviu sob ordens do general Ursicino, o principal herói de sua narrativa, na fronteira romano-persa. Num movimento bastante comum durante os conflituosos últimos séculos do Império Romano, em 355 as tropas de Ursicino deslocaram-se meio mundo, do Oriente Médio até a Gália, para bater-se contra o usurpador franco Silvano, que havia se declarado imperador. Vitoriosos nesta campanha, voltaram ao Oriente Médio e enfrentaram uma invasão persa, comandada pelo xá sassânida Shapur II.

Ursicino caiu em desgraça junto ao então imperador Constâncio II, e Amiano Marcelino junto com ele. Este último, porém, teve tempo de recuperar o favor régio quando um novo imperador, Juliano, ascendeu ao trono, ao lado de quem enfrentou suas últimas expedições militares: uma campanha contra os alamanos e uma invasão à Pérsia em 363, onde o monarca foi morto. Para Amiano, sua vida militar estava encerrada, e o futuro historiador retirou-se para a vida privada.

Grego por nascimento, Marcelino era admirador confesso da cultura latina. Escreveu sua principal obra neste idioma, e sua própria vida após a baixa do exército mostra seu apreço pelos valores romanos: seu retiro foi um *otium cum dignitatis*, retiro com honra, período de “*necessidade da fruição do lazer, exercitar um pouco sua reflexão*”¹⁰ bem merecido após a atividade na vida pública.

Otium cum dignitatis, no contexto romano, não se confundia com preguiça ou ociosidade. Antes, é um momento de crescimento, de

⁷ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Op. cit., p. 171.

⁸ THE AMMIANUS MARCELLINUS ONLINE PROJECT. Disponível em: <<http://odur.let.rug.nl/~drijvers/ammianus/index.htm>> Acesso em 19 fev.2007.

⁹ TRUJILLO, M^a Luisa Harto. *Introducción*. In MARCELINO, Amiano. *Historia*. Madrid: Akal, 2002, p. 15.

¹⁰ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 381.

amadurecimento do espírito. Marcelino exerceu-o bem: vivendo em Antioquia, lar de uma das maiores bibliotecas do mundo clássico, aproveitou seu retiro para travar contato com as obras mais relevantes do pensamento greco-romano,¹¹ aprimorar seu latim e viajar. Visitou a Grécia e o Egito até que, em 371, voltou à cidade. Sete anos depois, partia para a capital do Império, onde escreveu sua obra.

Comumente chamada *Historiae* (Histórias), a composição de Amiano Marcelino chamava-se *Rerum Gestarum Libri XXXI* e reúne elementos dos vários gêneros historiográficos latinos: como os *annales*, situa os acontecimentos cronologicamente; como os *res gestae*, busca as razões e as causas dos fatos que narrou.¹² De certa maneira, era também *historia*, graças às suas qualidades de escrutínio e pesquisa.

A obra completa, como seu título original sugere, compunha-se de 31 livros, abrangendo desde 96 d.C. – a ascensão de Nerva ao trono imperial – até 378, quando da morte do Imperador Valente nos Bálcãs. Como a maioria dos escritores antigos, sua obra não chegou completa até nós, e os 13 primeiros livros se perderam, restando apenas os 18 últimos. Ao distribuir sua narrativa, o autor não se preocupou com o equilíbrio, pois a parte que se perdeu abrangia 257 anos, ou seja, a história que Amiano Marcelino não havia vivenciado, tão somente lido. Já os livros preservados relatam apenas 25 anos, exatamente aqueles nos quais o autor viveu e podia agir como testemunha ocular.

O autor criticou severamente a obsessão contemporânea pela extrema brevidade, pois enquanto escritores como Lívio e Tácito, em tempos idos, preferiram escrever obras extensas e detalhadas, os séculos III e IV presenciaram os tais brevíários de história romana, de parágrafos curtos e rápidos, escrita pouco elaborada, sem grande análise ou profundidade e sem fôlego para ultrapassar poucas linhas sobre cada assunto. Analisemos o texto de um desses autores: Flávio Eutrópio.

Eutrópio era contemporâneo de Marcelino, talvez grego como ele, e acompanhou a mesma campanha à Pérsia do imperador Juliano na qual este historiógrafo serviu como militar. Seu texto encontra-se preservado *in toto* e mostra a natureza ligeira dos brevíários romanos. Note-se como relatou uma invasão ao Império Romano:

“Os Alemanos, devastadas as Gallias, penetraram na Italia. Perdeu-se a Dacia, que fôra acrescentada (ao imperio) por Trajano, além do Danubio. A Grécia, a Macedônia, o Ponto, a Ásia (foram) devastadas pelos Godos. A Pannonia foi devastada pelos Sarmatas e pelos Quados; os Germanos penetraram até as Hespanhas, e tomaram a

¹¹ “Amiano aprendió a admirar el tono grave de la literatura latina, muy de acuerdo con su propio carácter, lo cual lo impulsaría a escribir una obra en latín sobre la historia de Roma”. TRUJILLO, M^a Luisa Harto. *Introducción*. Op. cit., p. 17.

¹² “las causas y motivaciones de los sucesos”. Idem, p. 18.

nobre cidade de Tarracôna. Os Parthos, ocupada a Mesopotâmia, começaram a requisitar para si a Syria”.¹³

O texto acima se refere a alguns acontecimentos do curto reinado do imperador Galieno (260 – 268). É, sem dúvida, um documento histórico e fala da instabilidade e da insegurança que grassavam o Império durante as suas derradeiras crises. Eutrópio, porém, não vai além disso. Quem são todos esses povos? De onde surgiram? Nenhuma informação é oferecida à compreensão do leitor. Era essa a prática dos historiógrafos contemporâneos de Amiano Marcelino, a brevidade acima de tudo, opção criticada pelo autor das *Res Gestae*:

“Y es que la brevedad (brevitas) tan solo debe ser objeto de alabanza cuando, eliminando uma extensión inapropiada, no resta nada al conocimiento dos hechos”.¹⁴

Apesar desta crítica, na primeira parte de sua obra, Amiano Marcelino deve ter escrito texto bastante semelhante aos brevíários, já que os primeiros 14 livros, mais sucintos, tratavam de pouco menos de três centúrias de história.

Os livros do XV ao XXV devem ter sido concluídos por volta de 392. Divulgados em leituras públicas, granjearam sucesso significativo, inspirando o autor a continuar a escrever, desta vez relatando os tempos em que vivia¹⁵. Uma das frases mais conhecidas de Amiano Marcelino é sua autodefinição: “*miles quondam et Graecus*”, ou seja, “ex-soldado e grego”. Grego, situa-se externo à sociedade romana, “*alguién que podía contemplar los sucesos desde uma posición objetiva y, em cierta medida, elevada en el aspecto cultural*”.¹⁶ Soldado, dispensa as frivolidades tão próprias do mundo que o cerca e se dispõe a encontrar o âmago das grandes questões.

Alguns dos trechos mais conhecidos da obra de Marcelino remetem aos povos bárbaros, em particular aos hunos. Durante séculos, sua narrativa sobre os invasores asiáticos circulou como a descrição mais precisa e conhecida daqueles nômades. Edward Gibbon em sua obra “Declínio e queda do Império Romano”, do século XVIII, citou um trecho imenso das *Res Gestae* para que

¹³ EUTRÓPIO, Flávio. *Historiae Romanae: ab Urbe condita usque ad Valentem et Valentinianum Augustos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930, p. 337, 339.

¹⁴ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 157.

¹⁵ Maria Luisa Harto Trujillo divide a obra de Marcelino em três grupos: “1) *Los primeros libros, que relatarían de forma escueta los sucesos acaecidos desde el 96 hasta el 353 (...)* 2) *Libros 15 a 25, caracterizados por la ueritas y el relato de hechos cercanos al autor. Estos libros estarían ya concluidos em el 392, y serían conocidos por el publico, habiendo consehado um gran éxito (...)* 3) *Libros 26 a 31. estes libros los habría compuesto Amiano entre el 392 e 397 (...)* y se caracterizarían, según palabras del proprio Amiano, por el peligro que supone para um historiador narrar acontecimientos contemporâneos” TRUJILLO, M^a Luisa Harto. “Introducción”. Op. cit., p. 20.

¹⁶ Idem, p. 22.

seus leitores usufruíssem da detalhada descrição das hordas hunas.¹⁷ É de fato, narração fascinante.

Amiano começa apresentando os hunos, de onde vieram: “*El pueblo de los hunos, poco nombrado em las historias de la antigüedad, habita al outro lado de la pantanosa Meotis, junto a um helado oceano y sobrepasa todos los limites de la crueldad*”.¹⁸ Criaturas temíveis, oriundas de um fim de mundo gelado.

Uma vez descrita sua distante origem, Marcelino descreve com cuidado os horrendos costumes dos hunos:

“entre ellos, como a los niños, desde el mismo momento en que nacen, les cubren las mejillas con metal, cuando llegada cierta edad el pelo comienza a salirles, se debilita ante los obstáculos, de manera que envejecen sin que les haya salido la barba y sin belleza alguna, semejantes a eunucos. Tienen todos el cuerpo robusto y firme, el cuello muy fuerte. Son extraordinariamente deformes e grandes hasta tal punto que los confundirías con bestias de dos pies, o con esas estacas que se utilizan para adornar los puentes cuando los construyen. Con aspecto humano a pesar de su rudeza, llevan una vida tan agreste que nos precisam fuego, ni alimentos sabrosos, sino tan solo raíces de hierbas salvajes. Se alimentan con carne de cualquier animal casi cruda, ya que tan sólo la calientan ligeramente colocándola entre sus piernas y los lomos de sus caballos. Jamás se cobrian bajo techo. Todo lo contrario, rechazan las viviendas como si trataran de sepulcros inútiles para su vida. Entre ellos no puede encontrarse ni siquiera una cabana realizada con cañas, porque andan errantes por montes y bosques, y desde la niñez están acostumbrados a soportar fríos, el hambre y la sed. Cuando salen de su territorio, no se resguardan bajo techo, a no ser que se vean forzados a ello por una necesidad extrema. Y es que, cuando están a cubierto no se sienten seguros. Se cubren con telas de Lino o con pieles de ratones silvestres, y llevan siempre la misma ropa. Ahora bien, una vez que se han puesto sobre los hombros una sórdida túnica, no se la quitan ni se la cambian hasta que no se les cae a trozos raída ya por el largo uso. Se cubren la cabeza con cascos curvados y protegen su piernas velludas con pieles de cabra. Llevan zapatos realizados sin maña alguna, lo cual les impide andar libremente. Esto hace que no sean muy hábiles para la lucha a pie, y que estén prácticamente pegados a sus caballos, unos caballos de gran resistencia pero nada vistosos. En ocasiones montan sobre ellos como la hacen las mujeres y así realizan sus tareas habituales. No en vano, cualquiera de este pueblo, durante el día o la noche, compra o vende montado sobre su caballo y así también come, bebe e, incluso, inclinado sobre la estrechacerviz de su caballo, dormita y cae en un sopor tan profundo que puede llegar a tener varios sueños”.¹⁹

Cativante, Amiano construiu a imagem de homens-monstro horríveis, emasculados e deformados. Comiam carne crua, não conheciam morada fixa

¹⁷ “Parafraseando a Amiano Marcelino, que nunca viu os hunos pessoalmente (...) ninguém se igualava a eles em crueldade e feiúra, cada qualidade acentuando a outra (...) estes são julgamentos que ecoaram por épocas afora. Praticamente todo mundo se contenta em citar todos os demais, inclusive Gibbon, ao condenar os hunos como malcheirosos, cambaios, mesquinhos, brutais e de estatura revoltantemente baixa”. MAN, John. *Átila, o huno: o rei bárbaro que desafiou Roma*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 62.

¹⁸ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 845.

¹⁹ Idem, p. 845, 846.

nem mesmo casa, apenas o lombo dos seus cavalos. Ambos, homens e cavalos, resistentes mas feios. Seu preparo físico para suportar os rigores da vida no deserto gelado retirou-lhes parte da humanidade, e certamente toda a beleza e a cultura.

Todavia, a essa descrição detalhada devemos acrescentar uma informação desconcertante: Amiano Marcelino jamais viu um huno.

A primeira incursão huno em território europeu deu-se por volta de 350, quando cruzaram o rio Volga, na Rússia. Ora, nesta época Amiano estava a quilômetros de distância, na Síria, iniciando sua carreira militar nos *protectores domestici*; nas décadas seguintes, os cavaleiros nômades irromperam em meio às tribos germânicas da planície russa e do coração da Europa Central. Eles chegaram, de fato, ao Oriente Médio, descendo pelo Cáucaso até a Síria em 395... nessa data, porém, Marcelino já estava há muitos anos vivendo em Roma e escrevendo suas *Res Gestae*; e foi apenas em 408 que tropas hunas atacaram o Império Romano do Oriente em território europeu – nosso historiador já deveria estar morto há certo tempo.

Se nunca os viu pessoalmente, como Amiano pôde construir uma descrição tão detalhada de seus inimigos? Simples: “os romanos recorriam a atitudes herdadas dos gregos para formar sua opinião sobre o povo de Átila”²⁰. Mas não apenas às atitudes transmitidas pelos helênicos: os próprios romanos possuíam um conjunto de ideais morais que julgavam fundamentais à civilização e sobre as quais os terríveis hunos nada deveriam saber. A descrição de Marcelino, portanto, catalisou preconceitos gregos e romanos para fazer dos hunos a quintessência de sua alteridade.

Grego que era por nascimento, Amiano descreveu seus bárbaros de acordo com as velhas tradições de sua cultura, estabelecidas já por “*la segunda mitad del siglo VIII a.C. y primera mitad del VII a.C.*”²¹ pelo poeta Hesíodo e perpetuadas, séculos depois, por Heródoto. Visão profundamente “dualista do mundo”²², de um lado punha a civilização, a *Héllas*, e do outro todos o resto, gente que, consideravam, sequer falava, apenas balbuciava (*barbarophonoi*).

Heródoto situou gregos e bárbaros muito próximos entre si num tempo antiquíssimo: “os gregos estavam, de algum modo, na escola dos bárbaros”²³. As referências ao Egito como origem de toda civilização e cultura, inclusive da própria religião grega são abundantes no livro do historiador de Halicarnasso.

²⁰ MAN, John. *Átila, o huno*. Op. cit., p. 61.

²¹ SANCHÉZ, Adelaida Martín. “Introducción”. In: HESÍODO. *Teogonía; Trabajos y Dias; Escudo; Certamen*. Madrid: Alianza Editorial, 2003, p. 8.

²² PESCHANSKI, Catherine. “Os bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte)”. In: CASSIN, Bárbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 56.

²³ Idem, p. 59.

Com o passar do tempo, porém, teria ocorrido uma “*dissemetria temporal*”²⁴, separando os helenos dos demais povos. Aqueles aprenderam, cresceram, evoluíram; num dado momento, o tempo presente de Heródoto, os gregos nada mais tinham o que aprender com os outros seres humanos: eram eles, agora, o píncaro civilizacional, os portadores de todo conhecimento válido.

Quanto aos bárbaros, eles não cresceram, não progrediram. Nada aprenderam. Continuaram exatamente como eram na penumbra da aurora dos tempos. Nada mais tinham a ensinar, nem aos helenos nem a quem quer que seja.²⁵ A descrição grega dos bárbaros, portanto, não visava a etnografia, a escrita precisa sobre os costumes e hábitos extraordinários de um povo exótico, mas reduzia-os a “*uma figura pobre e utilizando-se desta para permitir que os gregos vejam a si mesmos (...) indispensável presença como meio de expressar o mal-estar*”.²⁶

Qual o olhar inicial de Amiano Marcelino para os bárbaros? “*Violentos e incultos y son comparados con animales: bestiae; ferae*”;²⁷ seres egressos da natureza. Referindo-se aos sarracenos, povo do deserto árabe, descreve-os como “*semejantes a voraces aves de rapina que, cuando divisan desde las alturas una presa, lanzándose em rápido vuelo, no se detienen hasta lograr su objetivo*”.²⁸ É uma bela imagem. Os “*sarakenoi*”, “*povo das tendas*” como gregos os conheciam, atacando em velocidade suas presas – certamente as caravanas que seguiam desde o Iêmen até a Mesopotâmia e a Antioquia natal de Amiano. Essa fama de ferocidade, de rapineira, o grego da Síria devia conhecer muito bem.

Nas montanhas do sul da Ásia Menor vivia um outro povo bárbaro descrito por Amiano: os Isáuricos. Eles, como muitos outros naqueles tempos, fizeram incursões contra as forças romanas – nesse caso, a força onde o próprio autor servia. Amiano assim os descreveu:

“Semejantes a fieras que movidas por su hambre vuelven con frecuencia al lugar donde han encontrado comida en alguna otra ocasión, así también todos ellos, a la manera de una torrente que baja de unos montes agrestes y escarpados, bajaron a los terrenos cercanos al mar, por donde, ocultándose en lugares inacessibles y valles escondidos, cuando se acercaba la noche y la luna estaba aún en creciente, por lo que no tenía todo su brillo, acechaban a los marineros (...) sin temer nada, con una crueldad encendida por su ambición y sin poder perdonar siquiera a los que se

²⁴ Idem, p. 61.

²⁵ “*O tempo não trouxe nenhuma modificação, e eles se perpetuaram até o momento da narração em uma identidade imutável (...) testemunho vivo do passado concluído*”. Idem, p. 64, 65.

²⁶ Idem, p. 74.

²⁷ TRUJILLO, M^a Luisa Harto. “Introducción”. Op. cit., p. 25.

²⁸ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 113.

rendían, los asesinaban a todos y se llevaban un botín cuantioso y útil sin encontrar resistencia alguna.”²⁹

O primitivismo conferido aos isáuricos pelo autor repete-se em todas as descrições dos bárbaros. Se estes possuíam crueldade excitada pela ambição, os hunos, por sua vez, ultrapassavam os limites da crueldade. Ambos, também, nem perdoavam nem concediam misericórdia.

Mas podemos retomar à detalhada descrição que Marcelino fez dos hunos, onde destacou com cuidado e talento o primitivismo dos bárbaros. “*Deformes e grandes (...) bestias do dos pies*”³⁰. Quando representa os hunos “*prácticamente pegados a sus caballos*”, o historiador antioqueno cria uma imagem de impressionante força. Quase podemos vê-los cavalgando pelas estepes, tropel de centauros redivivo, onde homem e animal são como um só, espalhando o pavor por toda gente – lembrando, ainda, que a figura do centauro dentro da cultura grega lembrava a natureza animal presente em todo ser humano. Os hunos eram, então, as tais bestas de dois pés.

Os gregos acreditavam que era o *Nomos*, a lei, que impunha limites aos homens civilizados, refreava-lhes os instintos e os desejos – noutras palavras, controlava neles os instintos selvagens:

“a maioria das coisas justas segundo a lei está em posição de guerra contra a natureza; estabeleceu-se de fato, por lei, para os olhos o que devem e o que não devem ver (...) nada daquilo que de que as leis desviam os homens é o menos caro ou o menos próximo”.³¹

Os bárbaros primitivos possuíam, sim, suas leis, seus *nomoi*; estas, todavia, eram próximas demais da natureza, do estágio primevo donde vieram todos os povos. Em nada haviam mudado com o tempo. Por tudo isso, esses três exemplos de povos não gregos foram desta maneira, libertos das amarras civilizadas e entregues ao afã do saque. Na realidade, tal frenesi não era nada desconhecido de gregos e romanos, mas nesse momento foi importante para Amiano Marcelino traçar a linha que separava a civilização da barbárie através das paixões.

Amiano retomou um modelo herodotiano de descrição quando, em relação aos hunos e alanos (dois povos bárbaros aliados), preocupou-se em descrever a sua terra de origem: a Cítia, “*tierra de eremía (deserto) y zona de eschatía, páramo e confín: es uno de los extremos do mundo*”.³² Além, muito

²⁹ Idem, p. 106.

³⁰ Idem, p. 845.

³¹ CASSIN, Barbara. “*Barbarizar*” e “*cidadanizar*” ou *Não se escapa de Antífone* (O Sobre a Verdade, tradução e comentário). In: CASSIN, Bárbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros: a cidade e seus outros*. Op. cit., p. 103.

³² HARTOG, François. *El espejo de Heródoto: ensayo sobre la representación del otro*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 41.

além dos limites civilizados do mundo, a Cítia foi cuidadosamente descrita por Heródoto: seu clima frio, suas vastidões inacessíveis. Tais rigores climáticos impunham aos humanos que lá viviam uma horrenda selvageria, uma “*diminuição de humanidade*” nas palavras de François Hartog.³³ Antípoda das regiões civilizadas do sul, a Cítia representava a fronteira do gênero humano: tanto mais distante o lugar, tanto mais brutas as gentes, até atingir, finalmente, à bestialidade pura.

Amiano Marcelino menciona que os hunos eram “*poco nombrado em las historias de la antigüedad*”³⁴ mas ainda assim situa-lhes a origem: “*al outro lado de la pantanosa Meotis, junto a um helado oceano*”³⁵. Esta regelante referência não veio por acaso, mas retomava a explicação climática que Heródoto elaborou em sua História: “*en la Historia, el clima es un factor explicativo (...) una suerte de teoría climática según la cual em el norte, ‘el frío, em suma, explica os fenómenos que se producen em la dicha región’*”.³⁶ Quanto mais frio, mais bárbaro.

Todavia, foi com o povo associado aos hunos, os alanos, que Amiano Marcelino conseguiu seguir Heródoto mais de perto. Estes último, como os antigos citas retratados nas Histórias, habitavam a Cítia, “*los confines del mundo; tierra boreal, se extiende hasta los límites del mundo habitado, incluso al margen*”.³⁷ Como Heródoto, que declinou um a um todos os povos que habitam a Cítia, o nosso historiador antioqueno explicou os alanos descrevendo, do mesmo jeito, os povos que habitavam a região: os nérvios, que “*habitan las regiones interiores, em um emplazamiento situado junto a unos altos picos*”; os vidinos e os gelões, “*de terrible frieza, porque arrancan la piel de los cadáveres de sus enemigos y com ella hacen ropas*”; os agatirsos, “*que se tienen la piel e lo cabello de color azul*”; os melanclenas e os antropófagos, “*que se alimentan de carne humana y que, a causa de esta costumbre abominable, viven aislados ya que todos los pueblos vecinos han huido*”. Finalmente, depois deste circo de horrores, próximos ao território das amazonas, estendendo-se até o Oriente perto da Índia, estavam os alanos.

Em suma, ao compor a imagem dos seus bárbaros, Amiano Marcelino se utilizou do repertório de preconceitos clássicos que a civilização helênica possuía; eles representavam a antítese perfeita de tudo aquilo que os gregos (e

³³ “*Escitia se encuentra en los confines del mundo (...) el salvajismo aumenta conforme se avanza hacia el norte y el nordeste. Esta última proposición sólo es cierta em um sentido global; pero el movimiento indica uma disminución de la humanidad, hasta llegar a esos seres, sólo conocidos de oídas, que son los hombres de pies de cabra, los arimaspos y los grifones*”. HARTOG, François. *El espejo de Heródoto*. Op. cit., p. 42.

³⁴ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 845.

³⁵ Ibidem.

³⁶ HARTOG, François. *El espejo de Heródoto*. Op. cit., p. 54.

³⁷ Idem, p. 42.

romanos) aceitavam como correto. Seus hábitos rudes e primitivos deveriam servir de contraponto aos costumes civilizados do mundo; sua bestialidade era a antípoda da civilidade greco-romana.

Marcelino, contudo, não usou apenas conceitos gregos para retratar os bárbaros. Estes serviriam, também, como contraponto aos hábitos e costumes romanos, como veremos a partir de agora.

Quando Amiano Marcelino descrevia seus bárbaros, criava uma cesura: de um lado, estavam aqueles seres humanos fora das leis, da ordem, brutos; do outro, a civilização³⁸. Para aqueles romanos que ouviam as leituras públicas da obra do antioqueno, as diferenças entre eles e os bárbaros estavam bastante claras, uma vez que Marcelino utilizava conceitos (e suas antíteses) bastante conhecidos daquela gente. Confrontar os relatos dos bárbaros das *Res Gestae* com alguns dos mais importantes ideais políticos morais romanos³⁹ enriquece a leitura da obra e amplia sua compreensão.

Os romanos tinham o conceito moral de *Fides* em altíssima conta, “centro da ordem política e social e jurídica de Roma” e “tecido de relações mútuas entre os homens”⁴⁰. Entre outros sentidos, era a garantia do cumprimento dos juramentos, dos acordos, do respeito mútuo. Amiano, imerso na sociedade romana, disse dos hunos:

“Son desleales y volubles en los acuerdos, porque se dejan llevar por el más mínimo soplo de una nueva esperanza, achacando esto a su carácter impetuoso. Semejantes a animales irracionales, no distinguen en absoluto entre lo honesto y lo desonesto. Sus palabras son ambiguas y enrevesadas (...) como arden en deseos de conseguir oro, y son tan volubles e irascibles, en ocasiones, llegan a romper en un mismo día varios acuerdos con algún aliado”⁴¹.

³⁸ O termo civilização é um dos mais controversos das línguas ocidentais. É conceito plurívoco, repleto de possibilidades. Francis Wolff concede à palavra três sentidos possíveis, dos quais os dois primeiros nos interessam por deitarem suas raízes nos documentos clássicos: “três sentidos bastante distintos da palavra (...) 1. No primeiro, civilização designa um processo supostamente progressivo, pelo qual povos são libertados dos costumes grosseiros e rudimentares das sociedades tradicionais e fechadas para se ‘civilizar’ (...) a civilização designa esse processo de paulatino abrandamento dos costumes, de respeito aos modelos, ao refinamento, à delicadeza, ao pudor, à elegância, etc. (...) 2. No segundo sentido, a civilização designa as ciências, as letras e as artes, em suma, o patrimônio mais elevado de uma sociedade.” WOLFF, Francis. *Quem é bárbaro?* In: NOVAES, Adauto (Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 21, 22.

³⁹ “as idéias morais e políticas dos Romanos – algumas delas herdadas dos Gregos, muitas especificamente suas – formam a parte mais significativa do seu legado cultural”. PEREIRA, Maria Helena da Rocha, op cit, p. 321.

⁴⁰ Idem, p. 323.

⁴¹ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 847.

A oposição ao ideal civilizado é claro: enquanto os latinos têm palavra cumprem seus acordos, os bárbaros rompem vários no mesmo dia, totalmente indignos de qualquer confiança.

Uma frase deste trecho (“*Semejantes a animales irracionales, no distinguen en absoluto entre lo honesto y lo desonesto*”) salienta uma outra importante diferença entre os bárbaros e os romanos: enquanto aqueles não distinguem entre o certo e o errado, estes últimos celebram a bússola interior da *Virtus*, “*o estado de ser homem (...) no sentido de ser homem direito*”.⁴² O poeta Lucílio escreveu:

“virtus é saber o que para o homem é recto, o que útil, honesto, o que é bom, como o que é mal, o que é inútil, feio, desonesto (...) ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, e, ao invés, defensor dos homens e costumes bons”.⁴³

Flagrante contraste. Quando desenha os bárbaros como irracionais, como incapazes de discernir entre o certo e o errado, Amiano Marcelino, de fato, remete às próprias crenças latinas, de virtude interna e intrínseca que os romanos deveriam possuir.

Entre os latinos, era celebrado um sentido de dever para com a família chamado *Pietas*. Posteriormente, tal sentimento foi ampliado para a devoção aos deuses e, finalmente, à pátria. *Pietas* era cultivada pelos romanos como um elemento essencial da civilização. Marcelino, em seu relato, acusou com alguma frequência os bárbaros de não conhecerem este sentimento: aos hunos, negou-lhes qualquer tipo de religião (“*jamás han respetado uma creencia o religión*”⁴⁴), enquanto as crenças alanas foram tratadas com desdém:

“no hay templo ni lugares sagrados (...) a la manera barbara, clavan una espada desenvaibana en el suelo y la veneran como su dios guerrero, divinidad que preside las regiones que van recorriendo”.⁴⁵

Como *Pietas* remetia também à devoção à pátria, Amiano retratou os hunos como apátridas: “*entre ellos nadie puede responder a la pregunta de dónde ha nacido, pues fue concebido en um lugar, nació em outro lejos de allí y fue criado em outro más lejano aún*”,⁴⁶ e fez descrição semelhante para os sarracenos.

Os romanos afirmavam expandir seu império para ampliar, também, o reino da lei, levando-a aos povos bárbaros que, diziam, viviam em meio ao caos. Afirmavam agir, em relação aos povos conquistados, com *Clementia*, “a

⁴² PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. Op. cit., p. 399.

⁴³ Idem, p. 400.

⁴⁴ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 847.

⁴⁵ Idem, p. 850.

⁴⁶ Idem, p. 847.

mansidão e a misericórdia, a capacidade de dar e de perdoar”.⁴⁷ Os bárbaros, em contraste, não expandiam a lei (não a possuíam) e não se preocupavam em erigir impérios, mas apenas saquear. Mais uma vez, os hunos eram o melhor contra-exemplo: “*pueblo rudo e indomable, ávido de apoderarse de lo ajeno, gracias a sus rapinas y a las matanzas de pueblos vecinos, a los que han hecho sucumbir, han extendido sus dominios hasta los alanos*”.⁴⁸ Os bárbaros, contrariamente aos romanos, não cultivavam a *Clementia*, mas sim a *Crudelitas*. Aquela era tanto uma característica própria dos latinos quanto esta o seria para os bárbaros.

Havia, entre os romanos, o culto aos *Mos maiorum*, o “*suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados comuns*”.⁴⁹ Quando retratava os costumes mais revoltantes dos bárbaros, Amiano usava-os como contraponto ao ideal latino: assim como as crenças eram diametralmente opostas, as romanas são puras na mesma medida em que as bárbaras são perversas.

Uma das afirmações mais recorrentes sobre os bárbaros é que eles não trabalhavam a terra. Sobre os sarracenos, Marcelino escreveu, “*ninguno de ellos toma jamás el arado, ni planta un árbol o busca su sustento trabajando en el campo*”;⁵⁰ algo semelhante aquilo que foi dito dos hunos: “*entre ellos no se trabaja la tierra, ni si utiliza nunca la esteva*”.⁵¹ Sobre os alanos, embora não tenha utilizado a mesma “fórmula”, deu a entender que também eles desconheciam a agricultura: jamais menciona seus cultivos, salienta seu nomadismo, e por fim afirma:

“*llevan diante de ellos manadas que pastorean junto a sus rebaños, y cuentan sobre todo con ganado equino. En ese territorio, los campos están siempre verdes y encontramos también por toda parte lugares ricos en árboles frutales. Por eso, donde van, no carecen de alimento*”.⁵²

A falta de devoção à agricultura é mais um índice de barbarismo, mais um elemento que deveria ampliar a cunha existente entre os romanos e os bárbaros. O trabalho agrícola possuía, na tradição latina, um sentido extremamente positivo, e mesmo Cícero em sua obra *Dos Deveres* aponta a agricultura como uma das maneiras dignas de *Labor*, “*através do qual o*

⁴⁷ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. Op. cit., p. 361.

⁴⁸ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 847.

⁴⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. Op. cit., p. 347.

⁵⁰ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 113.

⁵¹ Idem, p. 847.

⁵² Idem, p. 849.

cidadão ganha merecidamente o seu sustento e se torna digno de consideração na comunidade a que pertence".⁵³

Quais as ocupações que produziam ganhos honestos? "*Medicina, arquitetura, o ensino de 'coisas honestas' e o comércio*".⁵⁴ Os bárbaros não realizavam nenhuma dessas atividades. Seus ganhos eram sempre desonestos, uma vez que viviam do saque da coleta de butins, destruindo as comunidades onde chegavam. Mas acima de tudo, eles não plantavam nem colhiam.

Os romanos desde suas origens tinham a agricultura em alta conta, e ainda que os séculos tivessem afastado aos menos os mais ricos da terra, celebravam suas raízes agrícolas. Tito Lívio preservou em sua história a figura de Lúcio Qúincio Cincinato, ditador do início da República romana. Correto e vitorioso, Cincinato foi um exemplo de patrício. Em meio à crise, senadores foram buscá-lo para comandar as tropas da cidade, o que efetivamente fez e retornou em *Gloria*. Neste momento, contudo, interessa-nos quem era Cincinato e o que fazia, segundo Lívio, quando foi interpelado pelos senadores:

"Lúcio Qúincio, única esperança do povo romano, cultivava quatro jeiras de terra a que se dava o nome de Prado de Qúincio. Lá o foram encontrar os emissários do Senado, curvado sobre sua enxada ou ao cabo da charrua, a cavar a terra".⁵⁵

A única esperança do povo romano lavrava a terra! Claro contraste entre o modelo romano e o modelo bárbaro, os quais ganhavam a vida sem jamais tocar a terra, parasitando com seus tropéis outros povos.

Enquanto os romanos celebravam a *Concordia*, a "*harmonia no modo de pensar e sentir*",⁵⁶ os bárbaros eram mostrados como uma multidão dispersa e errante, que não viviam em cidades e rejeitavam esse tipo de vida. Os romanos cultivavam a *Sapientia*, com moderação e razão, enquanto os bárbaros eram retratados como irracionais, irascíveis.

Finalmente, resumindo todo o desdém que o pensamento romano tinha para com os povos não dominados, os bárbaros não conheciam a Humanitas, a "*civilidade, que se opõe à crueldade primitiva, desconhecadora do direito*".⁵⁷

Conclusão

Este artigo dispôs-se, brevemente, a dar a conhecer alguns aspectos da obra de Amiano Marcelino, divulgando seu texto e analisando sua descrição

⁵³ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. Op. cit., p. 391.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ LÍVIO, Tito. *LÍVIO, Tito. História de Roma: Ab Urbe Condita*, Vol. I. São Paulo: Paumape, 1989, p.236.

⁵⁶ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, vol. II: *Cultura Romana*. Op. cit., p. 365.

⁵⁷ Idem, p. 419.

dos bárbaros à luz dos conceitos helênicos e latinos que faziam parte da cultura do autor.

O autor antioqueno, junto a outros daquele tempo, construiu a imagem de decadência e débâcle que marcou gerações de historiadores clássicos até, pelo menos, o século XX. Idéias que vem merecendo, todavia, uma revisão:

“Nossa hipótese de trabalho nos afasta dos conceitos de queda, decadência, declínio, comumente utilizados pelos estudiosos para definir este período (...) procuramos refutar a idéia de que o Baixo Império significou um período negativo e catastrófico. Deve ser visto como um momento possuidor de sua própria identidade e singularidade”.⁵⁸

Os últimos séculos de existência romana testemunharam o surgimento de políticos, artistas e escritores notáveis, e outros nem tanto. A mediocridade, conquanto tenha existido (igual a qualquer outro período) não foi a regra. A existência mesma de Amiano Marcelino, criativo crítico do seu tempo, é um indício de que essa tal decadência deve ser repensada.

Vale salientar, contudo, que esta noção de decadência não era estranha aos próprios romanos, e Amiano Marcelino contribuiu para esta concepção. Pagão, cultor da probidade clássica, o antioqueno via à sua volta o esquecimento dos antigos costumes romanos, substituídos pela licenciosidade e pela preguiça:

“el magnífico esplendor de nuestra historia se ve oscurecido por la incultura y la incultura y ligereza de unos pocos, que no se dan cuenta Del lugar em el que han nacido, y que, como si tuvieran licencia plena para sus vicios, caen em el error y la lascívia”.⁵⁹

Amiano cita as “carruagens mais altas que o normal” e o “cuidado pretensioso” que os romanos ao seu entorno tinham com as roupas. O autor antioqueno rejeita as capas e os brocados que enfeitavam os patrícios ricos, sua jactância sobre o aumento patrimonial, seus “*banquetes tediosos y malsanos*”.⁶⁰ Estes antigos milionários, afirmava Marcelino, “*evitan a los hombres eruditos y sábios como si fueran infaustos e inútiles*”.⁶¹

Tal desfile de extravagâncias e desvarios tem marcado a imagem que se cultiva do final do Império Romano. Amiano Marcelino foi um dos criadores desta perspectiva. “*Miles quondam et Graecus*”, cultor das austeras virtudes antigas, não se sentia à vontade em seu próprio tempo. Antes porém, buscava encontrar as respostas para a crise que percebia na retomada da moral pretérita.

⁵⁸ MENDES, Norma Musco. MENDES, Norma Musco. *Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13.

⁵⁹ MARCELINO, Amiano. *Historia*. Op. cit., p. 119.

⁶⁰ Idem, p. 122.

⁶¹ Ibidem.

Talvez esperasse que o espetáculo da barbárie que descrevia levasse seus compatriotas a refletir sobre seus próprios atos.

“He narrado los hechos comprendidos entre el principado de Nerva y la muerte de Valente, en la medida en que me lo permitían mis fuerzas, siendo yo como soy antiguo militar y griego. Nunca he intentado, en mi opinión, corromper la verdad a sabiendas, ni con omisiones ni con mentiras. Que escriban la continuación aquellos que estén en condiciones de hacerlo, ya por su edad o por sus conocimientos. Pero si a alguien le tienta realizar esta empresa, le aconsejo que aguce su lengua y que adopte un estilo más elevado”.⁶²

⁶² Idem, p. 900.